

## **Projetos sociais de formação profissional para o desenvolvimento rural: Brasil 1970 – 1990<sup>1</sup>**

Cristina Maria Macêdo de Alencar<sup>2</sup>

Neste artigo estabeleço relações entre a formação profissional e o desenvolvimento rural expresso na experiência de extensionistas, entrevistados em 2002 por atuarem no mundo rural da Região Metropolitana de Salvador – Bahia, mas com trajetória de atuação em toda Bahia. Os especialistas ao realizarem suas competências profissionais expressam as escolhas que valorizam como projeto social e o que está delineado no projeto pedagógico dos cursos, em geral, e dos cursos voltados para o mundo rural em particular. As competências realizam a força performativa do conhecimento científico que é mediada pelos poderes econômico e político como processo hegemônico.

De um modo geral, esse conhecimento é utilizado para satisfação das necessidades imediatas da espécie humana transformando a natureza, concebida como interna ou externa ao homem. Predomina a natureza como externa, expressa na separação epistemológica entre sujeito e objeto (externo) e implementada pela ciência positiva de caráter instrumental. Aí percebemos o papel dos especialistas instrumentalizando a hierarquização das múltiplas dimensões da realidade social e do ser humano individual ao formular políticas, tornando irrelevantes ou invisíveis muitas dessas dimensões, embora não seja capaz de fazê-las desaparecer na correlação de forças em que se operacionalizam as políticas.

**Palavras Chave:** Formação profissional e Prática social dos cientistas

### **Introdução**

O artigo ora apresentado integra uma pesquisa que discute relações entre conhecimento científico e experiência de ruralidade na Região Metropolitana de Salvador – BA/BR e tem como objetivo demonstrar que os projetos pedagógicos das formações profissionais condicionam o desenvolvimento rural constringido por um lado, pela visão de mundo e as experiências vividas pelos profissionais e, por outro, pelas forças econômicas e políticas. Assim, a força performativa do conhecimento científico, a partir das suas representações, é mediada pelas estruturas de poder econômico (inclui o mercado) e político como um processo hegemônico. Um dos usos mais antigos e

---

<sup>1</sup> Emerge da tese Campo e rural na metrópole: sinais de um padrão civilizatório. (CPDA/UFRRJ, 2003) e tem apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia - FAPESB

<sup>2</sup> Cristina Maria Macêdo de Alencar, é PhD em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Mestre em Desenv. Agrícola e Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior ;Professora e Pesquisadora da Universidade Católica do Salvador – UCSal, no Ms. em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social e no Bch. de Ciências Econômicas.

mais generalizados desse conhecimento é relativo à satisfação das necessidades imediatas da espécie humana transformando a natureza. Entre concepções de natureza como interna ou externa ao homem, a natureza como externa é certamente predominante como, por exemplo, na separação epistemológica entre sujeito e objeto (externo), cerne de toda a polêmica em torno do conhecimento científico, de caráter instrumental. O capitalismo é um êxito performativo dessa ciência, quer como produção de mercadorias - objetos externos-, quer como gestão das instituições que regulamentam a sociedade.

As múltiplas dimensões da realidade social e do ser humano individual perpassam as instituições e as atividades. Na formulação de políticas essas dimensões são hierarquizadas o que expressa qualificação de relevância, irrelevância ou invisibilidade. Essa qualificação expressa escolhas pelo que se quer valorizar como projeto social, o que constitui projetos pedagógicos dos cursos em geral, e dos cursos voltados para o mundo rural em particular.

Os profissionais das ciências aplicadas, formados em torno do rural como elemento de objeto de estudo, atuam num conjunto de relações sociais e em determinadas condições, nas quais operam dicotomia e ambivalência. Por exemplo, no planejamento de intervenções, acompanhamento e avaliações de políticas para a agropecuária, particularmente, de pequenos produtores rurais, desenvolvido na Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia, - aonde atuei por uma década -, dialéticos e positivistas, profissionais das ciências naturais, humanas e sociais, coexistiam e construíam juntos a atuação na realidade concreta da agricultura, da pecuária, da piscicultura, da comercialização, dos serviços, enfim, do existir no campo. A ausência de um deles configurava uma dimensão fragmentada e não contemplada nessa realidade, requerendo sua inclusão.

Entretanto, complementar o fragmento não garantia a construção da unidade conceitual quer nos sujeitos quer na prática da intervenção. Impõe-se a necessidade de recuperar a totalidade perdida pela especialização do conhecimento disciplinar; de integrar objetos e áreas de conhecimento por meio de interconexões ao invés de complementações ou adições. Como prática coletiva, a heterogeneidade científica e de consciências, tensiona competências e relevâncias dos campos de saber. Isto é, a atitude não era de diálogo entre saberes e sim de cumprimento de tarefas que eram partes do todo. Politicamente, o poder intervém instrumentalizado com visão integrada, enquanto o cidadão comum e o cientista, atuam com visão fragmentada. Nessa metamorfose do cientista em técnico o conhecimento se transforma em rotina: modernização na cultura e com a lógica capitalista.

Nesse contexto, as ciências aplicadas são força performativa hegemônica da modernização em grande escala para acumulação e expansão do capital. No mundo rural os avanços tecnológicos são

incorporados em termos de processos vitais e de reprodução de novas espécies animais e vegetais<sup>3</sup>, e de processos relativos ao meio informacional.

“As possibilidades, técnicas e organizacionais, de transferir à distância produtos e ordens, faz com que essas especializações produtivas sejam solidárias no nível mundial. Alguns lugares tendem a tornar-se especializados, no campo como na cidade, e essa especialização se deve mais às condições técnicas e sociais que aos recursos naturais” (Santos, 1996: p.192).

“O conhecimento exerceria assim – e fortemente – seu papel de recurso, participando do clássico processo pelo qual, no sistema capitalista, os detentores de recursos competem vantajosamente com os que deles não dispõem” (Santos, 1996: p.194).

O conhecimento como recurso pode estar em habilidades desenvolvidas em formações profissionais distintas da prática profissional que se exerce. Identifiquei habilidade docente, certamente não incluída como condição necessária para a formação de agrônomos, veterinários, entre outros profissionais formados para atuar no mundo rural,- na história de um agrônomo envolvido com capacitação de empreendedores sociais, num mecanismo interno das instituições de tornarem-se espaços de formação profissional – oportunidade de romper a rotina própria da modernidade.

“O INCRA fez uma seleção interna de servidores, isso em nível de Brasil, para esses servidores passarem a atuar diretamente, acompanhando os assentamentos num trabalho de articulação nos municípios, na região, visando um desenvolvimento do assentamento; um contato do assentamento com os organismos do município e da região, para servir de elo e a partir daí dar um acompanhamento maior aos assentamentos e impulsionar o desenvolvimento dessas áreas. ... Eu, na época de graduação, tive oportunidade de atuar como professor de cursinho pré-vestibular, de colégio de segundo grau, uma atividade assim complementar.... fui designado para ir para Brasília montar esse curso de capacitação. Eu passei lá duas semanas e no período inicial foram representantes de todos os estados... Eu e um outro colega de outra superintendência é que ficamos lá mais diretamente nessa atividade e para minha grata surpresa a Bahia foi escolhida como pólo de capacitação aqui no nordeste envolvendo cinco estados. ... em todo o Brasil, foi utilizado esse programa que a gente definiu lá, que preparou todo o material e eu vejo contente que deu uma contribuição não só em nível de Bahia, mas também em nível de Brasil na formação desses servidores para... programa de empreendedores sociais” (Entrevista nº1).

Em outra instituição, outro agrônomo declara que há espaço para proposições técnicas em nível gerencial, contudo, sua fala embute também os limites operacionais dessas propostas.

---

<sup>3</sup> Estamos em plena polêmica em torno da produção de alimentos transgênicos quer para uso humano quer para uso animal.

“No ano passado de 2001, nós fizemos,... a proposta de trabalho para os quatro anos, o plano plurianual. Então, foi feito para o primeiro ano: as propostas não foram concretizadas; no segundo ano, não foram concretizadas e isso em quase em todas as áreas da secretaria... Então, a expectativa é ... ao longo do terceiro e quarto ano .... esse projeto ser realizado. Todo mundo quer isso. Então, quando você não vê isso acontecer você fica assustado, aquela coisa meio ..., fazer projeto para quê, se fiz já uns dez e há quatro anos e nenhum foi aceito!? Você fica abatido moralmente, você fica até meio preguiçoso, ocioso... fazer de novo, quebrar a cabeça em mais um projeto para não sair do papel? Você fica meio...” (Entrevistado nº 30).

As situações ilustradas apontam a necessidade de o ensino dirigido ao mundo rural incorporar:

- a) as múltiplas potencialidades do ser humano como recurso de satisfação subjetiva e eficácia objetiva;
- b) a consciência de que o uso do saber científico como realização técnica está subordinado à realização política, para o que se recorre a outro saber científico, o da ciência política. Assim é que situo a força performativa do conhecimento científico através das estruturas de poder econômico e político; como um processo de hegemonia e não de homogeneização da realidade com dominação e controles generalizados.

A vida social existe também fora das institucionalizações dominantes. E a vida das pessoas existe na vida social e na das instituições. Nessas interconexões, ainda inspiradas pela história do entrevistado nº1, que é de origem rural e teve formação dirigida para o rural desde o nível médio até o mestrado, religam-se dimensões que estavam separadas por classificação. Isto é, a trajetória de vida rural, os diferentes saberes, o espaço da cidade no ordenamento do rural. Todos compõem a formação do empreendedor social como expressão da prática cultural do conhecimento científico que inspira as diretrizes do desenvolvimento social. O compromisso social do conhecimento científico é afirmado na experiência de ruralidade como sustentabilidade complexa, com suas tensões e indeterminações.

Temos nesses depoimentos duas situações de aventura: uma que traz satisfação; outra que traz frustração. A situação de frustração na aventura não decorreria da rotina, e sim da impossibilidade de incorporar ao cotidiano (fazer rotina) os conhecimentos adquiridos durante sua formação profissional ou que foram redefinidos ao longo da vida profissional; a de satisfação supõe essa rotina garantida.

### **Os sentidos da realidade na formação profissional**

Nossos conhecimentos são perpassados por diferentes crenças que, se estão no âmbito do conhecimento científico são considerados como postulados. E, no conhecimento científico e fora dele,

operam disputa e cooperação de visões de mundo, de significados e interesses, que no caso em estudo diz respeito à relação entre o rural e urbano na RMS.

Durante o desenrolar da pesquisa tive oportunidade de ouvir, repetidas vezes, entre profissionais técnicos e cientistas sociais, em situações diversas de bate papo e de debate acadêmico, que o rural na RMS é irrelevante. No debate acadêmico de profissionais que focalizam o urbano e o regional, em conexão, a representação do rural estava unicamente referenciada na condição produtiva de setor primário. Portanto, não se percebia a utilidade da discussão dessa relação para o planejamento da cidade metropolitana de Salvador. Essa possibilidade ocorria quando se considerava o âmbito regional, diante da diversidade econômico-social e ecológica dos dez municípios que compõe a região.

Dois campos de disputas se revelam nessas interlocuções: o primeiro acerca da delimitação do objeto de pesquisa – a realidade a ser pesquisada no objeto. Se existem objetos de estudo antagônicos em relação ao mesmo objeto empírico, há risco de que pelo menos um dos resultados de pesquisa esteja equivocado e, nesse caso, essas explicações sobre aquela realidade seriam erros científicos. A interdisciplinaridade possibilita cooperação ao acolher o juízo de erro científico como recurso para elaboração de nova, mas sempre parcial verdade. O segundo campo de disputa diz respeito ao objeto empírico, ao estabelecer fronteiras no território de atuação de cada cientista; as ciências que focalizam um território em disputa estariam em outro risco, o de perderem seu objeto constituinte e, assim, deixarem de existir. O debate sobre o fim do rural e com ele a sociologia rural é exemplo dessa disputa.

Os dois campos de disputa se inserem num conhecimento científico que supõe o mundo com fronteiras, por vezes intransponíveis; sem diálogo, o que se traduz do ponto de vista metodológico em separações disciplinares a partir de uma visão em comum. Mas suponhamos que essas fronteiras possam ser permeabilizadas e que se consiga estabelecer um diálogo entre esses territórios. Para quê serviria isto se a ação sobre o mundo é mesmo por partes?

Isto me faz lembrar uma disputa nuclear no âmbito das ciências econômicas em torno da teoria que funda os pilares dessas ciências, que é a teoria do valor, ou seja: se a teoria não conseguiu ainda transformar o valor em preço, um conteúdo subjetivo em objetivo, nem na construção smithiana, nem na ricardiana, nem marxiana ou nos seus neos, e se na realidade imediata a economia opera com preços, para quê estudar o valor? Estabelece-se objetivamente uma teoria dos preços. E o valor, que estaria lastreando as escolhas econômicas relativas ao padrão de ordenamento da sociedade, sai de discussão.

Sob essa racionalidade, se o rural, como dimensão natural do ser humano e do planeta tende a desaparecer para que o ser humano se torne pleno na ordem urbana, por que reabilitá-lo onde já se

conseguiu submetê-lo aos imperativos do desenvolvimento?<sup>4</sup> O conhecimento percorre assim uma trajetória que o torna meio para alcançar fins pré-estabelecidos, que se vinculam a visões de mundo dos sujeitos protagonistas, como esclarece D’Ambrósio (1999).

“Difícilmente poderemos compreender o objetivo e a própria trajetória do conhecimento sem atentarmos para sua origem, isto é, sua geração, até sua incorporação como uma prática cultural e a sua eventual expropriação e manipulação pelo grupo que detém o poder. O ciclo do conhecimento, isto é, sua geração, organização intelectual e social, e difusão, pode ser sintetizado no esquema:

a realidade [entorno natural e cultural]

informa [estimula, impressiona]

indivíduos e povos

que em consequência geram conhecimento

para explicar, entender, conviver com a realidade,

e que é organizado intelectualmente,

comunicado e socializado, compartilhado e organizado socialmente,

e que é então expropriado pela estrutura de poder,

institucionalizado como sistemas [normas, códigos],

e mediante esquemas de transmissão e de difusão,

é devolvido ao povo mediante filtros [sistemas]

para sua sobrevivência e servidão ao poder.”(D’Ambrosio, 1999: p.37, 38).

---

<sup>4</sup> Na década de 90, diante do relativismo e da incerteza decorrentes do reconhecimento do caráter desigual do desenvolvimento e do problema ambiental na globalização como processos e problemas experimentados no contexto de uma única sociedade, a escala planetária que dá sentido ao relativismo e incerteza, verificam-se processos de ruralização, ou renascimento rural tanto por iniciativas oficiais quanto por movimentos socioculturais. Como ruralização estão aqui entendidas a difusão e gradual assimilação de uma série de comportamentos, sistemas de valores, atividades ocupacionais e atitudes voltadas para a consideração do rural.

“Questionado por uns, que o viam apenas como a expansão dos espaços suburbanos e, portanto, da própria cidade, ou um fenômeno passageiro de caráter conjuntural, o renascimento rural se confirma nos países desenvolvidos, não apenas nas áreas rurais maiores, mas também nos pequenos municípios e, não apenas nas áreas rurais sob influência direta das cidades próximas, mas também naquelas mais distantes e relativamente isoladas. Por outro lado, a vida no meio rural atrai hoje tanto pessoas idosas, aposentadas, quanto jovens em plena atividade produtiva” (*Wanderley, 2000: p.98*).

D'Ambrósio pretende expressar uma síntese e não demarcar etapas, como se poderia supor. O fundamental é marcar que nos situamos na contemporaneidade, quando a ciência já percorreu caminhos que a constituíram supostamente neutra, para garantia de objetividade, num confronto com percursos dialéticos e fenomenológicos como proposições de objetivação e de legitimação da subjetividade, mas também de aperfeiçoamentos metodológicos para garantia da objetividade.

Ao fazer interagir conhecimento científico e experiência de ruralidade estou buscando transcender o aperfeiçoamento metodológico enquanto objetivo, e o incluindo para superação das fronteiras no conhecimento e entre ele e a realidade. A relação com o mundo está condicionada por fronteiras no conhecimento e por uma visão de mundo genérica que privilegia a objetividade de transformação direta e externa da natureza, e a partir daí, da sociedade. Assim, a produção de tecnologia responderia perfeitamente às questões o que fazer, onde fazer e para quê fazer dado o ethos econômico que direciona as escolhas relativas ao padrão de desenvolvimento da sociedade. A produção de tecnologia é, seguramente, o fenômeno mais sedutor da ciência moderna chegando mesmo a constituí-la como sinônimo. E, não é mais possível cogitar de um caminhar na história da humanidade que renegue essa conquista da humanidade, já internalizada como algo dado e tão avançado que é sempre surpreendente que essa ciência ainda anuncie novidades.

Essa visão de mundo, acrescida da conseqüente difusão dessa tecnologia, está na formação da maioria dos profissionais, de nível superior, que entrevistei, que ainda atuam no setor público agrícola do Estado da Bahia, formados nas décadas de 1970 e 1980 e os que iniciaram sua formação em nível superior na década de 1990. Eles foram formados, em sua maioria, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, mas também pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, e pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Na última década, aparece também uma faculdade particular, a de Tecnologia e Ciência – FTC. A formação desses profissionais está nas áreas de ciências naturais e exatas, ciências humanas e sociais, filosofia e artes. Em termos de percentuais, 68,8% dos perfis profissionais priorizavam a produção e difusão de tecnologias (Vide Tabela 1).

Quando examinei esse perfil, agregando os perfis indutores de desenvolvimento sócio-econômico (categorias 1 e 3 do perfil profissional), esse percentual subiu para 78,2%. Nessa tecnologia, a preocupação com a sustentabilidade ambiental do planeta só vai aparecer na formação de profissionais na década de 1990, constrangida pela cultura e pela lógica capitalistas. Quando isolado da produção e difusão de tecnologias, a sustentabilidade ambiental responde por apenas 6% da formação, ao lado de perfis que privilegiam a perspectiva humanista, integrada e plural, fundamentalmente nas

áreas das ciências humanas e sociais e das artes, tendo ocorrido essa avaliação na área das ciências naturais e exatas apenas por um profissional formado em arquitetura.

Pequena maioria desses profissionais (53,85% - vide Tabela 2) considerou que o perfil do curso atendia às suas expectativas, no momento de suas formações, embora qualitativamente, essa consideração tenha tido diferentes motivações. Por exemplo, uns buscavam o perfil tecnológico e encontraram; outros consideravam a tecnologia um aprofundamento científico. Em ambos os casos, a área do conhecimento era a das exatas e naturais. Nas humanas buscavam ampliar as considerações humanas. Essa avaliação envolveu as diferentes áreas do conhecimento, sendo que em termos de formação acadêmica, o diferencial vem com os profissionais das artes e das ciências humanas e sociais, que propõem visão integrada do ser humano, pluralidade de abordagens científicas e de possibilidades de atuação profissional.

Nesse quadro de satisfação, as insatisfações ou frustrações de alguns profissionais, deram o conteúdo da disputa na prática social a partir das visões de mundo que existiam previamente à formação acadêmica. Lidar com a insatisfação constituiu a ação individual desses profissionais (38,4%) para contrarrestar a homogeneização da cultura científica. Essa atitude deu o conteúdo da prática profissional dos que se sentiam frustrados, subjetivamente, devido à falta de relevância do humano, do social, e da dimensão espiritual do ser; e, objetivamente, por serem transformados em “vendedores de insumo” e pela desvalorização política dos profissionais formados para a educação.

Não deixou de existir também aquele aluno que nem se deu conta do perfil acadêmico sob o qual ele estudava porque seu objetivo era político e sua inserção político-cultural lhe possibilitou uma meta cognição capaz de garantir a aprovação formal nas ciências sociais.

Diante da instrumentalização que o conhecimento científico herdado disponibiliza para se lidar com o mundo, constituindo uma cultura científica de controle sobre os eventos, as visões de mundo carregam consigo um potencial de subversão. Na experiência dos trabalhadores do rural que entrevistei, esse potencial foi incorporado ao cotidiano como um diferencial de qualificação.

### **As formações profissionais e as visões de mundo rural e urbano**

Os posicionamentos teórico e prático entre profissionais que atuam no rural como atividade meio (planejamento, extensão, pesquisa) distinguem-se enquanto visões de mundo que dão conteúdo às percepções sobre rural e urbano. Além disso, transformações vividas pelo rural, sob a diretriz urbana, obrigam a atualizar o conhecimento científico em direção às mudanças da realidade sob diretriz rural.

Os cursos de formação agropecuária ou produtiva em relação a recursos naturais passíveis de reprodução (vegetais e animais) focalizavam o rural produtivo como o perfil profissional de graduação.

“Hoje, eu penso de uma forma diferente, por eu ter ficado quase vinte anos na extensão, na produção rural ligado direto à zona rural, eu estou vendo que tenho que começar a reciclar os meus conhecimentos e começar a me aproximar da urbanização na profissão, ou seja, mexer com jardinagem na zona urbana, fazer um cursinho de reciclagem de urbanização, de controle de pragas urbanas. Então, estou querendo mais vir para a área urbana e, paralelo a isso, eu estou fazendo o curso de gerenciamento ambiental que é para ficar mais próximo, porque o futuro é a área ambiental. Estou tentando ver se eu consigo não abandonar totalmente a minha agronomia, mas dar um novo rumo, dar um novo destino, pois eu não posso jogar fora vinte anos... Então tem que se ir aos poucos para ver se você vai se adaptar a nova carreira, ou seja: urbanização da agronomia...” (Entrevistado nº 30).

No caso das ciências sociais na década de 1970, com a disciplina sociologia rural já estabelecida na América Latina, desde a década de 1940<sup>5</sup>, a questão rural compunha o quadro das preocupações sociais. Contudo, a formação desses profissionais das Ciências Sociais foi marcada pela questão urbana sob a inspiração da expansão econômica conhecida como o Milagre Brasileiro em que o Estado assumiu o papel de catalisador da dinâmica econômica, tanto na esfera pública como na esfera privada.

Um dos entrevistados, sociólogo formado nessa década, lembra que:

“... o tema... mais estudado na época era a questão da marginalidade urbana, ... Não se tinha o conceito de exclusão social ainda e o próprio conceito de marginalidade era discutido no sentido de que não havia uma situação em que as pessoas ficavam à margem da sociedade, mas de estarem integradas a ela mediante padrão de vida baixo, até mesmo miserável.... havia um interesse crescente sobre as questões da sociedade no meio rural dado o processo de modernização do campo, da modernização das estruturas produtivas. ... o crédito como o carro chefe, e com as políticas também, as políticas tecnológicas, de assistência técnica, de extensão rural, de cooperativismo e de certa forma, de maneira muito tímida e controlada, politicamente controlada, a política de reforma agrária. No setor público... incorporação de agrônomos, veterinários, sociólogos, assistentes sociais, o pessoal formado na área de Comunicação, de Economia,... havia uma verdadeira expansão de Programas: programa de capacitação de mão de obra, programa de desenvolvimento rural integrado, programas relacionados à questão de nutrição das populações rurais, de saúde. Vários aspectos eram abordados dentro de uma ótica desenvolvimentista, apesar de...um governo fortemente centralizado, autoritário, com preocupações de

---

<sup>5</sup> Foi fundada em novembro de 1969 a Associação Latino-Americana de Sociologia Rural – ALASRU

controle das relações políticas da sociedade, tanto na cidade quanto no campo,... algumas vezes essas atividades principais se mesclavam na prática profissional” (Entrevistado nº 50).

A expansão da economia predominou e dominou o perfil dos profissionais que atuam no planejamento e na extensão rurais na RMS, formados nas ciências naturais nas décadas de 1970 e 1980.

“... um perfil voltado especificamente para a questão tecnológica. Então, nesse período, a questão social da agronomia como um todo não era levado muito em consideração. Disciplinas voltadas para a sociologia, para a extensão, eram disciplinas que as pessoas iam, inclusive, com a idéia de que poderia passar tranqüilamente porque a importância não era tão grande. Então era voltado muito para a questão da tecnologia, da venda de insumos, agrotóxico, insumos agrícolas, fertilizantes de um modo geral. A visão era uma visão de aumentar a produtividade... independente da forma que fosse. Então, o homem não era encarado como um todo. Se o feijão produzisse mais era mais gratificante para quem estava formado. Se o homem estava doente aí já era outra questão, era uma questão para o médico” (Entrevistado nº 3 formado em universidade pública).

A formação na década de 1990, sem o recorte na temática rural, acrescenta nesse perfil profissional predominante a incorporação da condição de sustentabilidade, embora nem sempre percebendo o todo nessa condição. Sob o crivo crítico de profissionais em formação, e que já atuam no rural na RMS com qualificação agropecuária de nível médio, a questão ambiental, no âmbito empresarial, é percebida como conflitante no perfil de formação acadêmica. Haveria dificuldade de conciliação com a cultura capitalista que dá a diretriz de ordenamento da sociedade.

“É algo muito individual. .... o aluno ali já começa um instinto de individualidade que me preocupa muito. ... é que essa distância é como se fosse uma rivalidade... ele já se arma no sentido de estar sempre em competição. ... estimulam que equipes entrem em debates para ver qual é o melhor... o que você pode fazer melhor do que o outro” ( engenharia ambiental em faculdade particular).

Percebo a questão da sustentabilidade surgindo, na esfera privada de ensino superior, como objeto de ciência para geração de nova tecnologia capaz de administrar os constrangimentos da questão ambiental no capitalismo. O desenvolvimento do capitalismo vem sendo instrumentalizado, tradicionalmente, pela ciência dominante, na formação de profissionais também em universidade pública<sup>6</sup>. Assim, o público e o privado instrumentalizam o capitalismo.

---

<sup>6</sup> A vivência do Cpda é ilustrativa, no contexto dessa problemática, como percebida por Moreira (2002). “Registramos o paradoxo original do Cpda. A legitimação “conservadora” da FGV abrigava um quadro docente e um programa de pesquisa crítico,acadêmica e politicamente. O programa vivenciou assim mais um campo fronteiro nebuloso. Carregava uma

Quanto à visão de conexão entre mundo rural e mundo urbano, aparece nas decisões de política e de economia, à medida que gera conseqüências do tipo êxodo rural, relocação de homens e mulheres na divisão social do trabalho, e com a vida de outras cidades, países ou regiões, necessariamente conectadas pela sustentabilidade na globalização. O rural condicionado pelo urbano.

O percurso histórico de expansão da cultura e da lógica capitalistas em relação com a vida em diferentes cidades, países e regiões vai expressando suas metamorfoses e a desses intelectuais que vão também modificando suas temáticas de estudo, mas sob a hegemonia da lógica e da cultura capitalistas.

Contudo, a diversidade de formações profissionais dos entrevistados revela que as contradições, tensões e disputas se diversificam entre eles que atuam conjuntamente e em cooperação, com formações não especificamente delimitadas para o mundo rural, e com crenças sobre o sujeito rural. Profissionais das áreas de humanidades (pedagogia, filosofia, geografia) e artes, onde a visão é mais integradora como concepção e como prática, ajudam a perceber que quando o ser humano ganha principalidade na intervenção sobre a realidade social, as habilidades profissionais se requalificam enquanto competências pedagógicas. Como competências são habilidades apropriáveis quer no campo ou na cidade, porque fertilizações, combates a pragas e doenças, ganhos de produtividade, ou mesmo produção orgânica, são apenas atividades. Seres humanos são seus sujeitos com felicidades e frustrações, com necessidades reprodutivas da espécie e também com sentidos culturais (sociais, políticos, familiares, espirituais) que são necessidades subjetivas.

Meio e fim precisam guardar correspondência de sentidos do conhecimento em teoria e em prática, porque a vida ressignifica a formação acadêmica em meio à diversidade da realidade. Os profissionais de áreas de ciência, com pouco ou nenhum diálogo na perspectiva científica dominante hegemonicamente, interagem na experiência concreta e dialogam mediados pelos diferentes saberes, ocupando espaços de relativa autonomia dos sujeitos sociais.

“Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter

---

formulação acadêmica inovadora que era e deveria se tornar a sua fonte prioritária de legitimação. Tal legitimação técnico-científica, no entanto, estava incorporada em pessoas oriundas de um estrato de intelectualidade crítica à ordem instituída pelo poder militar e seu pacto conservador, do qual fluíam os recursos do programa e que incluíam a própria FGV. Tal tensão foi vivida internamente na busca do “projeto” do Cpda, que só poderia ter sustentação institucional se e quando se mantivesse na ordem de legitimação estritamente acadêmica, o que acabou se realizando por sua produção científica, pela natureza e a amplitude das pesquisas realizadas, pelas atividades de intercâmbio técnico-científico e pela titulação de seu corpo docente” (Moreira, 2002: p.39).

ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar” (Gramsci, 1979: p. 7 e 8).

Essa atividade intelectual assim desenvolvida é que possibilita reconstruir a formação profissional. Por exemplo, tendo formação científica tecnicista na área de ciências naturais e exatas e já tendo visão de mundo focalizada no humano e no social, o entrevistado nº3, extensionista relata que:

“...um trabalho ... durante três anos e pouco, logo depois que eu me formei, com pequenos produtores e trabalhadores rurais que praticamente não tinham terra. E a gente entendia que tinha que se envolver no processo, que tinha que ter capacitação tal qual o outro que tivesse terra. Depois... os meus confrontos...o prefeito que era um grande pecuarista, ... praticamente me devolve, porque ... “...esperava aqui um veterinário com a visão de grande...” fui trabalhar ... em uma sociedade... macrobiótica, essa coisa natural de plantas medicinais, orgânicos, ... O que é que eu fiz?... Eu tinha que trabalhar com os grandes ... fazer os projetos porque era a empresa, e eu me envolvi nessa comunidade. ... trocava o que eu tinha de natural, que eu trazia da roça, que eu via de mais orgânico e natural e eles me ensinavam esse trabalho comunitário com horta orgânica, macrobiótica.... fiquei morando nos dois mundos... terminei só me envolvendo com os pequenos e os outros técnicos ... com os grandes....

... já no mestrado, eu procurei ... fazer uma relação entre a cultura popular e a dominante ... Uma relação entre a religiosidade popular e a oficial, a medicina popular e a oficial e a assistência técnica agropecuária oficial e a popular, aquela dos rezadores e dos vendedores quanto essa que a gente faz aqui na empresa, entendeu? ... Meu mundo era aquele e se não fosse por ali eu não iria para lugar nenhum” (Entrevistado nº3).

A história dele não termina aí. Chega ao rural metropolitano na RMS através de escolas com a educação ambiental, dos terreiros de candomblé com os cuidados agrônômicos sob um referencial sagrado, de hospitais psiquiátricos com o cultivo terapêutico, e inspira a inserção dessas demandas na programação institucional da empresa de desenvolvimento agrícola onde trabalha desde 1970.

Existe ainda a situação daqueles que, ao saírem de seus laboratórios de pesquisa, se deparam com a ação humana, cientificamente fundamentada, na contramão da natureza, da sustentabilidade natural e social, inclusive porque não se deu o diálogo entre os próprios agentes promotor e difusor desse conhecimento. É o caso de um agrônomo, mestre e doutor em genética; ele diz que,

“... o extensionista tem uma interação muito forte com o setor de serviços, com a religião, com todas as religiões, quer dizer, ele é um cara extremamente versátil, ao passo que o pesquisador, um cara mais especializado, ele vê as coisas mais em cima daquela área que ele trabalha.

... Existe aquela coisa do pesquisador gerar tecnologia, entregar a tecnologia para o extensionista que não soube como aquela tecnologia foi gerada, entendeu, o extensionista pega aquela tecnologia e passa para o produtor. Às vezes aquela tecnologia não é a tecnologia adequada para aquela tipologia de produtor, entendeu? Porque o extensionista não participou da elaboração do projeto de pesquisa, ele não participou de uma etapa anterior, do diagnóstico que identificou o problema, depois, a montagem do projeto de pesquisa para resolver o problema, então ele recebe o resultado frio. A receita para transferir ao produtor. ...em todas essas equipes de trabalho, tem que ter a figura do extensionista participando desde o diagnóstico até a transferência do resultado para o produtor.”(Entrevistado nº 24 ).

Se eu não estivesse considerando válidos os diferentes olhares sobre uma mesma realidade, com diferentes prioridades no recorte dessa realidade, eu diria que essas narrativas dizem respeito a diferentes objetos de estudos. Interações pessoais diretas e intensas, interações pessoais frágeis, desenvolvimento humano complexo com envolvimento de valores espirituais, culturais, intenso envolvimento de trabalho; cada uma dessas leituras poderiam ser considerada como mutuamente excludentes. Há ainda leituras diferenciadas que agregam relatividades à multiplicidade de leituras de mundo aqui relatadas, e todas elas constituindo o rural e os mundos rural e urbano metropolitanos.

Ainda no âmbito dessas reflexões, cabe a transcrição de outra narrativa por trazer outras dimensões da relação rural e urbano, quando ele procura desenhar um movimento geral da dinâmica no mundo rural. É um sociólogo, declaradamente urbano. Em sua narrativa, o rural vem absolutamente articulado com o mundo urbano, e também repleto de valorações ideológicas comprometidas com sua visão de mundo, que foi sendo reforçada ao longo de sua experiência profissional e política.

“... a vida no campo, nesses trinta anos... evidentemente que se modificou bastante. ... se modificou diferencialmente, em função de... regiões do Estado.... O movimento geral que se nota é que não está havendo uma correspondência com a melhoria dos meios de comunicação. As pessoas tiveram uma transformação muito forte em função dessas próprias informações que chegaram, - televisão em todo canto e tal – e não tiveram uma mudança do padrão econômico equivalente.”(Entrevistado nº 26).

No desequilíbrio em que se dá o desenvolvimento, e que expressa aspectos de sua complexidade, é preciso reconhecer que já não cabem dicotomias como as que estabelecem fronteiras impenetráveis entre o campo e a cidade. Superar dicotomias é um requerimento, por exemplo, da questão social e da globalização como processos e problemas experimentados no contexto de uma única sociedade ou de um setor da sociedade. Examinar o todo ou examinar as partes revela, de um modo, problemas comuns e, de outro, conexões comuns de problemas diferenciados, quando o

pensamento complexo orienta o exame. Além disso, no capitalismo, a complexidade do desenvolvimento ganha contornos específicos quando a questão é a sustentabilidade constrangida por antagonismos inerentes à lógica, natureza e cultura capitalistas.

Novo conhecimento científico é imprescindível, com a consideração do ser humano em suas múltiplas dimensões, da biofísica à transcendente, passando historicamente pelas dimensões social, econômica, política e cultural. Ciência e experiência devem estar legitimamente mediadas pelo Estado como agente capaz de operacionalizar em políticas públicas esses caminhos. Trata-se de integrar sem hierarquização as múltiplas dimensões constituintes do ser humano em suas experiências objetivas e subjetivas, o que vem ao encontro do interesse em pensar uma categorização de campo e cidade metropolitanos como uma noção inteira. Implica em abrir possibilidades políticas na direção de ordenamentos sociais favoráveis a um padrão de desenvolvimento que integre múltiplas dimensões do ser humano em condições materiais, sociais, psíquicas, culturais etc..

Para o conhecimento científico contribuir com essa perspectiva performativa deve incorporar, como saber legítimo, as experiências de ruralidade e de urbanidade que têm se constituído em recursos contrarrestantes aos problemas decorrentes da metropolitanização do modo de vida. Essa incorporação requererá aos cientistas transcender às suas disciplinaridades e às experiências bem sucedidas dos saberes formais em favor de melhores indicadores da superioridade civilizatória da espécie humana.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, C.M.M. *Campo e rural na metrópole: sinais de um padrão civilizatório*. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2003. Tese – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Desenvolvimento Agrícola e Sociedade. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2003.

D'AMBRÓSIO, U. *Educação para uma sociedade em transição*. Papirus, SP, 1999.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. De Carlos Nelson Coutinho, 3ª edição, RJ, Civilização Brasileira, 1979, p. 7 E 8.

SANTOS, M. *Do meio natural ao meio técnico-científico-informacional*. In: A natureza do espaço. São Paulo, Hucitec, 1996, p.192.

WANDERLAY, M, N. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo*. In: Est. Soc. e Agric., out. 2000, p.98.

## ANEXOS

Tabela 1 - Perfil profissional de formação dos entrevistados de nível médio e superior nas décadas de 70, 80 e 90 do séc. XX - RMS 2002

Década de graduação por área	Década de 1970					Década de 1980					Década de 1990					Frequência	
	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Absoluta	%			
Perfil profissional																	
Tecnológico (olhando o produto) (1)	7		7	5									19	37,6			
Capacitação local (3)				2									2	6,2			
Visão integrada/plural (2)					1	1			1				3	9,4			
Humanista/transformador (2)				1	1					1			3	9,4			
Desenvolvimentista/intervenção social (3)		1	1										2	3,1			
Capitalista (1)										1			1	3,1			
Acadêmico/pesquisador (1)	2	1	3				1						7	12,5			
Sustentabilidade (1)										1			1	3,1			
Generalista/ várias habilidades (eclétrico) (1)	1		1	3									5	12,5			
Zelo profissional (2)				1									1	3,1			
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>44</b>	<b>100</b>				

Fonte: Pesquisa direta para tese "Campo e rural na metrópole"/ RMS-2002.

Obs: Cálculo de agregação: %

1 Geração e difusão de tecnologia = 22 68,8

2 Perspectiva humanista, integrada e plural = 7 21,8

3 Indutora de desenvolvimento sócio econômico = 4 9,4

Se 1+ 3 = 78,2%

2 = 21,8%

Tabela 2 - Expectativa de identidade dos profissionais com o perfil da formação - RMS 2002

Década de graduação por área	70					80					90					Frequência	
	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Ciências naturais e exatas	Ciências humanas e sociais	Artes	Absoluta	%			
Expectativas																	
Atendia as expectativas (1)	4	1		4	3				1	1			14	53,85			
Faltava o humano, o social e o cultural (frustração) (2)	1									2			3	11,54			
Faltava o espiritual (2)									1				1	3,85			
Desvalorização política do profissional (2)									1				1	3,85			
Agente da agroindústria																	
vendedor de insumos (crítica ambiental) (2)	1			1									2	7,7			
Fazer política de oposição (2)		1											1	3,85			
Faltava a orientação para o uso da agricultura				1									1	3,85			
Faltava olhar crítico para o uso de agrotóxicos/Meio ambiente	2			1									3	11,54			
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>26</b>	<b>100</b>				

Fonte: Pesquisa direta para tese "Campo e rural na metrópole"/ RMS-2002.

Total de expectativas = 26

Cálculo de agregação:

(1) 53,8%

(2) 46,2%